

Concepção Atual de Família: Do Declínio da Função Paterna aos Novos Sintomas

Giovana Bessa Borges Heinemann

Psicóloga, Psicanalista. Aluna especial da Pós-Graduação do Programa em Psicologia Clínica e Cultura da UNB. Master - Approche en Psychanalyse - Université Montpellier 3.

End.: Rua C-263, n.36/1303. Setor Nova Suíça. Goiânia-GO. Cep: 74280-260.

E-mail: giovanaborges@hotmail.com

Daniela Scheinkman Chatelard

Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da UnB. Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano e Membro da Associação Brasileira de Estudos Sobre o Bebê. Doutorado em Filosofia - Université Paris 8.

End.: SHIN QL 11 - 06 – 03 – Brasília-DF. Cep: 71515-765.

E-mail: dchatelard@gmail.com

Resumo

O presente artigo visa analisar o que a psicanálise de orientação lacaniana postula como declínio da função paterna nas formas de família da cultura contemporânea – em que há uma supremacia do discurso do mestre através do discurso da ciência articulado ao capitalismo – e qual a consequência disso na formação dos chamados novos sintomas. Com o declínio da função paterna, há uma supremacia do mais-de-gozar sobre o Nome-do-Pai, ou seja, o que predomina na cultura atual são os objetos "a". A psicanálise propõe pensar a função paterna em termos significantes: do pai como Nome e da mãe como Desejo. O pai, a mãe e a criança devem ser compreendidos a partir de suas funções significantes. Assim, podemos pensar a fórmula da constituição do sujeito a partir de suas relações na família. O estudo foi realizado por meio de uma revisão bibliográfica crítica acerca do tema, tendo como principal fonte as ideias defendidas por Lacan, Freud e alguns de seus seguidores. O artigo foi dividido em três partes: a primeira faz uma explanação sobre as novas concepções de família, a segunda trata do Nome-do-Pai e seu declínio, e a última versa sobre os novos sintomas. Concluímos, primeiramente, que a conjuntura do mundo globalizado leva a diferentes modos de gozo e de sintomas, e, em seguida, que a atual concepção de família possibilita novas formas de laços sociais e não cria, necessariamente, diferentes tipos clínicos.

Palavras-chave: *Função paterna, Nome(s)-do-Pai, Família, Sintoma, Gozo.*

Current Conception of Family: The Decline of Paternal Role to new Symptoms

Abstract

This paper aims to analyze the Lacanian psychoanalysis' concept postulated as paternal function decline in family constitution in the contemporary culture — where there is a supremacy of the master

speech through the science speech articulated with capitalism — and its consequences in the formation of the so-called new symptoms. With the paternal function decline, there is a supremacy of the "plus-de-jouir" over the Name-of-the-Father, i.e., what prevails in the current culture are the objects "a". Psychoanalysis proposes to think the paternal function in significant terms: the father as a Name and mother as Desire. The father, mother and child must be understood from their significant functions. Thus, the formula for the subject constitution can be thought of from their relations in the family. This study is a critical bibliography review about the theme, having as main sources Lacan and Freud ideas as well as some of their followers. The article is divided in three parts: the first is an explanation of conceptions about the new family; the second deals with the Name-of-the-Father and its decline, and the third discuss the new symptoms. We firstly concluded that the actual conjuncture of the globalized world leads to different modes of "jouissance" and symptoms, secondly, that the current family conception enables new forms of social bonds and it does not necessarily create different clinical types.

Keywords: Paternal function, Name(s)-of-the-Father, Family, symptom, Jouissance.

Concepción Actual de Familia: La Inclinación de la Función del Padre a los Nuevos Síntomas

Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar lo que el psicoanálisis lacaniano postula como la disminución de la función de padre en las formas de la familia en la cultura contemporánea - donde hay supremacía del discurso del maestro a través del discurso de la ciencia articulada al capitalismo - y que se traducen en la formación de los llamados nuevos síntomas. Con el declive de la función del padre, hay una supremacía del más-de-goce sobre el Nombre del Padre, es decir, lo que prevalece en la cultura de hoy son los objetos. El psicoanálisis propone pensar la función paterna en términos significativos: Nombre del padre y de la madre como tal

deseo. El padre, la madre y el niño deben ser comprendidos desde sus roles significativos. Por lo tanto, podemos pensar la fórmula de la constitución del sujeto desde sus relaciones en la familia. El estudio se realizó a través de una revisión crítica de la literatura sobre el tema, las ideas principales de origen preconizadas por Lacan, Freud y algunos de sus seguidores. El artículo ha sido dividido en tres partes: la primera es una explicación de las nuevas concepciones de la familia, el segundo es el nombre del Padre, y su inclinación, y el último verso sobre los nuevos síntomas. Llegamos a la conclusión, en primer lugar, que el contexto de un mundo globalizado lleva a distintos modos de goce y de síntomas y, a continuación, que la noción actual de la familia permite nuevas maneras de relaciones sociales y no necesariamente crean distintos tipos clínicos.

Palabras-clave: *Función de padre, Nombre(s)-del- Padre, la Familia, Síntoma, Goce.*

Le Discours Solidaire à Face de les Nouvelles Formes de Subjectivation

Résumé

Dans le cadre des économies politiques et d'entraînement, situées dans un contexte socio-culturel contemporain, il y a la prévalence de l'hédonisme et l'impératif de jouissance. L'altérité dérange l'individu car elle génère une instabilité narcissiste du soi. L'individualiste et le narcissite prédominent au sein des relations interpersonnelles, dont l'autre se devient un objet. Parallèlement au processus de subjectivation autocentrée, il y a eu lieu un développement accéléré des dispositifs techniques appliquées à la gestion du Troisième Secteur de nos jours. On n'a jamais parlé tant sur la solidarité, même lorsque les liens sociaux sont absents. L'exacerbation de la parole solidaire semble indiquer un symptôme social de ce qu'on vit dans le contexte de la subjectivité. On se repère sur l'idée de que la logique discursive solidaire, dans une société narcissiste, peut indiquer la présence des mécanismes psychiques dans la société contemporaine. Pour développer telle question, nous employons la notion d'impuissance en tant que une source de perturbations psychiques résultant dans des constructions subjectives qui visent

à éviter la douleur. Le concept de souveraineté permet comprendre que les subjectivités choisissent autre figure omnipotente pour la autorité sur il meme. Mais aujourd'hui, avec l'affaiblissement des figures centrales de référence (Dieu, le Père, de l'état, etc), les sujets se deviennent impuissants et passent à chercher des nouvelles références avec lesquelles ils peuvent établir des relations verticales. Parallèlement à cela, il devient clair une logique discursive liée aux concepts lacaniens du discours du maître et du discours du capitaliste, dans lesquels l'objet d'une action commune pourrait prendre la place de la souveraineté, le maintien d'un savoir sur la douleur des autres, lui offrant un avenir. Nous devons discuter des propositions pour faire face à cette opération, avec la perspective de la reprise de la souveraineté pour les individus et l'aplatissement des liens sociaux.

Mots-clés: Psicanalyse, de la Solidarité, Contemporaine, d'Impuissance, la Logique discursive.

Introdução

O modelo de família tradicional, patriarcal, que representava a lei e a moral de uma época não predomina mais. Nos tempos atuais, a concepção de família mudou com os novos modelos que surgiram, relacionados a estruturas parentais, novos laços e ficções familiares, tais como: família monoparental, reprodução assistida, barriga de aluguel, casais homoparentais, famílias reconstituídas etc. Com o avanço da ciência e de suas novas parcerias, sobretudo com o capitalismo, a função paterna foi substituída e perdeu o seu lugar como agente da castração. Na cultura contemporânea – ou pós-moderna, como defendem alguns sociólogos –, o importante para o sujeito é gozar a todo custo com o que acontece no mundo e consumir o que este lhe oferece de imediato; assim, ele irá encontrar novas formas de sintomas e de mal-estar da cultura.

Na contemporaneidade, as mudanças nas constituições familiares nos levam a um questionamento sobre o lugar da função paterna na família. Para a psicanálise de orientação lacaniana, essa função é estruturante para o sujeito, revelando a relação dos sujeitos entre si e sua relação com a lei e com a sociedade, ou seja, revela como o sujeito faz laços sociais. Na psicanálise, falamos

também do declínio da função paterna, o que nos leva às seguintes questões: como essa função pode operar na atualidade, ainda que falemos no declínio do Nome-do-Pai? Hoje, a família tende a se constituir sem uma referência à castração?

Não podemos negar os avanços científicos no que diz respeito às técnicas de reprodução e fertilidade – fazendo com que uma mulher não precise mais de um homem para ter um filho, bastando ir a um banco de sêmen ou decidir por uma adoção individual – ou o fato de que um exame de DNA determina quem é o pai. Por outro lado, a ciência oferta novos modos de gozar do corpo. Isso nos leva a outra questão para reflexão, que é sobre os múltiplos modos de gozo e dos sintomas presentes nos novos laços familiares. Vemos cada vez mais que as funções paterna e materna não se confundem com os pais biológicos, e hoje já se fala em pais sociais. Como podemos entender isso, já que a psicanálise destaca a importância da função significante do Nome-do-Pai na constituição subjetiva?

Assim, apontamos que a psicanálise pode nos ajudar a responder essas questões acerca do tema da paternidade e a compreender os impasses vividos pelos sujeitos na atualidade. Ressaltamos que a reflexão proposta neste artigo é sobre a questão da função paterna e dos modelos atuais de família, mas não é uma tentativa de restaurar uma concepção de poder do pai e também não se trata de uma nostalgia do pai.

Novas Concepções de Família: Contribuições da Psicanálise

A definição de família formulada por Lévi-Strauss não corresponde aos vários modelos de família encontrados na atualidade. Na família contemporânea, não predomina mais a formação clássica (pai, mãe, filhos) nem o modelo de casamento tradicional. Segundo ele:

a família é um grupo social que apresenta pelo menos três características: ela tem na sua origem o casamento, é formada pelo marido, pela esposa e pelos filhos nas-

cidos nela, e mais alguns membros; seus membros são unidos por meios legais, de direito e por interdições sexuais. (Lévi-Strauss *apud* Miller, 2006a, p. 8)

De acordo com Miller (2006a), a família de hoje tem a sua origem no mal-entendido, no não encontro, na decepção, no abuso sexual ou no crime; é formada pelo Nome-do-Pai, o Desejo da Mãe e os objetos *a*; e é unida por um segredo, por um não dito sobre o gozo do pai e da mãe.

A psicanálise contribuiu para a familiarização do mundo, como ressalta Miller (2006a). É como se no centro dos assuntos de família sempre houvesse alguma coisa escondida que precisasse ser compreendida. Na verdade, sempre há o interdito, a proibição do incesto; por isso falamos que a família é o lugar do Outro da linguagem, do Outro da Lei. Podemos entender a família como a encarnação de um espaço em que é proibido o gozo supremo – o gozar-com-a-mãe, como nos diz Lacan (1968-69/2008). Na família, esse gozo é interdito e um gozo substituto é aí proposto: o gozar da castração.

Na atualidade, discute-se muito sobre a decadência da imagem paterna, o declínio da função paterna, e para compreender do que isso se trata, devemos formular esses conceitos em termos significantes. Então, é a partir dos lugares significantes – função do pai como Nome e a da mãe como Desejo – que o sujeito (criança) se posicionará. Lacan (1957-58/1999) chama isso de metáfora paterna. Ela escreve a relação entre o Nome-do-Pai e o Desejo da mãe. Enquanto aquele é um significante que nomeia, este é um significante da presença ou ausência, ou seja, é um significante do objeto primordial. A metáfora paterna significa que o Nome se sobrepõe ao Desejo; assim, a função do pai é de interdição. Há uma substituição do Nome-do-Pai pelo Desejo da Mãe, o que permite uma perda de gozo (para Freud, isso é a castração). Logo, pai, mãe e criança são apreendidos a partir de seus lugares significantes. Podemos falar de família pela via do significante e pela via do gozo que está em jogo para o sujeito. Por isso, é possível pensar a constituição de cada sujeito a partir de suas relações na família.

Reymundo (2008) indica que, no contexto atual, é de in-

teresse da psicanálise saber como o Nome-do-Pai, o Desejo da Mãe e os objetos a podem realizar-se nas famílias criadas a partir da aliança entre ciência, mercado e Direito. Vemos, assim, que a família, sobretudo a criança, aparece como objetos de consumo na cultura atual. Diz ele:

é possível, para um homem, evitar o tratamento do problema de demandar uma família a uma mulher, uma vez que entre ciência, mercado e Direito tem se articulado uma aliança que permite [...] criar uma ilusão de ser possível *consumir família* como mais um objeto *prêt-à-porter* do mercado. (Reymundo, 2008, p. 70)¹

Miller (2006b) aponta que a modernidade fez cair a máscara da família clássica, sempre associada a um ideal de harmonia (homem, mulher e criança, produto de seu amor). A autora ressalta que as novas concepções de família dão demasiada ênfase nas exigências de satisfação impostas pelo mundo globalizado. Ela destaca que “uma vez que a lei paterna não regula mais automaticamente a composição e nem a vida, é a multiplicidade de gozos que prevalece” (Miller, 2006b, p. 25). Diz, ainda, que essas famílias modernas têm a necessidade de uma validação, de uma autenticação por parte da sociedade, e isso demonstra que elas também têm necessidade de Pai.

Hoje, com a articulação do discurso da ciência, do capitalismo e do Direito, a composição da família se torna uma escolha. Escolhemos com qual homem ou mulher queremos viver, independentemente de que sejam o pai ou a mãe dos filhos, se os sexos são o mesmo ou não, se queremos casar, se queremos adotar uma criança etc. Assim, “a claudicação da família não só é exposta como, doravante, se instrumentaliza de fórmulas singulares” (*ibidem*, p. 25), mas não sem que a autoridade seja aí reconhecida, pois a autoridade paterna pode ser substituída pela autoridade parental, não importando se será exercida por um homem ou por uma mulher, como nos indica a autora.

Bassols (2006), por sua vez, aponta que a família não desaparece, mas se transforma, seguindo novas formas de gozo e seus

1 Grifos do autor.

impasses entre os sexos, e sendo regida pelas novas tecnologias a respeito da procriação. Ademais, constata que, hoje, os usos da função do pai são cada vez mais reducionistas. Então, aponta três usos do pai na época do seu declínio: “restauração no simbólico, relativismo no imaginário, uso do gene no real” (Bassols, 2006, p. 23). Segundo ele, “a psicanálise revela que a verdadeira função do pai, sua função de *sinthoma* nas formas de família atuais, é justamente de amarrar esses três registros, e não os isolar” (*ibidem*, p. 23). Assim, a pluralização dos Nomes-do-Pai é uma tentativa de fazer um exercício lógico para os usos do pai.

No artigo intitulado “Os complexos familiares na formação do indivíduo”, Lacan (1938/2003a) anuncia que a organização da estrutura familiar não se deve à biologia e que não existe instinto familiar natural. Para ele, a família não é natural, mas um fato social; é uma instituição que varia de acordo com a civilização. Diz ainda que “em todos os grupos humanos a família desempenha um papel primordial na transmissão da cultura” (Lacan, 1938/2003a, p. 30), ou seja, funda a estrutura elementar da sociedade e está na base das relações sociais. A família é uma invenção simbólica e há algum tempo vem sofrendo modificações na sua constituição, o que demonstra uma disjunção entre família e natureza. Isso instaura, também, que “a função paterna, como exemplo mesmo de uma função, não é dedutível da natureza” (Miller, 2005, p. 35).

Freud (1913/1974a), em *Totem e Tabu*, explica a origem das sociedades e da cultura, partindo do fundamento histórico do mito de Édipo por meio do mito do assassinato do pai da horda primitiva. Como resultado desse assassinato, surgiu o totemismo e, mais tarde, as religiões. Surgiu também o sentimento de culpa, o qual fez com que os filhos se organizassem para não repetir o mesmo ato, pois “o pai morto se tornou mais forte do que o fora vivo” (Freud, 1913/1974a, p. 171). O ritual totêmico favorece o recalçamento do assassinato do pai, pois a psicanálise demonstrou que o animal totêmico é, na verdade, substituto do pai. Freud conclui que as duas proibições de tabu que constituem o totemismo (não matar o pai-totem e a proibição do incesto) coincidem com os dois desejos recalçados do Édipo (desejo do incesto e desejo de matar o pai). Para o autor, a história individual de cada sujeito não é nada mais que mera repetição da história da humanidade. Ele subordi-

na todas as variações de família ao complexo de Édipo e coloca o núcleo da neurose relacionado à constelação familiar.

Em *O mal-estar na civilização*, Freud destaca o hábito do homem primitivo de formar família por causa da necessidade da satisfação genital. Escreve ele:

o macho adquiriu um motivo para conservar uma fêmea junto a si, ou, em termos mais gerais, seus objetos sexuais, a seu lado, ao passo que a fêmea, não querendo separar-se de seus rebentos indefesos, viu-se obrigada, no interesse deles, a permanecer com o macho mais forte. (Freud, 1930/1974b, p. 119)

Contudo, na família primitiva, faltava uma característica essencial da civilização: a renúncia ao gozo sexual total, pois a vontade do pai dominador ainda era irrestrita. Foi em *Totem e Tabu* que Freud colocou a passagem da vida primitiva em família para uma vida comunal. Freud reconheceu o amor genital (sexual) como um dos fundamentos da civilização, a qual, por sua vez, impõe sacrifícios, restrições e limites ao indivíduo em relação à satisfação sexual e à agressividade. Por isso, segundo ele, é difícil para o indivíduo ser feliz.

Nesse mesmo livro, Freud retoma sua teoria sobre a origem do sentimento de culpa e diz que esse sentimento é um problema para o desenvolvimento da civilização e explica isso, mais uma vez, com o mito do assassinato do pai primevo de *Totem e Tabu*. Indica, ainda, que a civilização constitui o caminho de passagem da família à humanidade, pois: “o que começou em relação ao pai é completado em relação ao grupo” (*ibidem*, p. 157). Então, a renúncia ao gozo está no fundamento da cultura, da civilização. E é essa renúncia que funda o laço social entre os homens, ao mesmo tempo em que provoca certo mal-estar.

Lacan (1968/2003b, p. 373), em *Nota sobre a criança*, indica que a família conjugal exerce e mantém uma função de resíduo na evolução da sociedade em relação à transmissão da constituição subjetiva na via que implica “a relação com um desejo que não seja anônimo”, e não só na satisfação de necessidades. A partir disso, há um julgamento da função da mãe e do pai. Em relação a

este, diz ele que “seu nome é o vetor de uma encarnação da Lei do desejo”, ou seja, o Nome não deve ser desencarnado, mas deve poder encarnar a Lei no desejo. Nesse momento, postula que o sintoma da criança pode representar a verdade do casal, da estrutura familiar ou da subjetividade da mãe.

Mais tarde, em *Televisão*, Lacan (1973/2003c, p. 531) afirma que o mal-estar indicado por Freud se dá por causa da repressão sexual, e mesmo que as repressões familiares não fossem verdadeiras, seria preciso criá-las, dizendo que “o mito é uma tentativa de dar forma épica ao que se opera pela estrutura”. Segundo ele, a ordem familiar mostra que “o Pai não é o genitor e que a Mãe permanece contaminando a mulher para o filhote do homem, o resto é consequência”.

Após essa rápida explanação sobre a família na psicanálise, observamos que a concepção de família passa por mudanças ao longo do tempo. Concordamos com Reymundo (2008) quando ele diz que o que interessa à psicanálise de orientação lacaniana, na verdade, é saber como as funções significantes do Nome-do-Pai, Desejo da Mãe e objeto a vão funcionar no mundo atual e qual a consequência disso na constituição subjetiva. Entendemos, assim, que isso nos ajudará a compreender o que se passa na cultura contemporânea.

Do Nome-Do-Pai ao seu Declínio

Podemos fazer um breve percurso na obra de Lacan no que diz respeito ao pai. Na sua “primeira clínica”, Lacan formulou os conceitos de Nome-do-Pai e de Metáfora Paterna, e falou dos nomes próprios. Era a presença ou ausência do significante do Nome-do-Pai que orientava o sujeito no mundo. Mais tarde, na chamada “segunda clínica de Lacan”, ele postulou que o que existe são os Nomes-do-Pai; há uma pluralização do Nome-do-Pai, pois não existe somente um ordenador, mas outros elementos que podem ter a função de amarração para o sujeito. Lacan postulou, portanto, uma clínica além do pai, além do Édipo, não mais na re-

lação centrada na castração, mas orientada pela ordem do real.²

É por isso que Lacan vai além de Freud em relação ao pai. A questão freudiana acerca do pai gira apenas em torno do complexo de Édipo e da castração. Na teoria freudiana, o pai é da ordem do universal, é o pai da autoridade, da Lei. Podemos dizer que é o Pai-Deus, isto é, o pai morto. É, por exemplo, o pai de *Totem e Tabu*. Assim, podemos dizer que, na época de Freud, havia certa primazia dos ideais e do Nome-do-Pai.

Em contrapartida, no início do seu ensino, no texto “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”, Lacan (1955-56/1998) introduz o conceito de Nome-do-Pai e faz uma releitura do complexo de Édipo freudiano, reduzindo o Nome-do-Pai à metáfora paterna. É a partir da metáfora paterna, a qual substitui o Desejo da mãe por uma função operatória de um Nome, que podemos definir a família em dois significantes: Desejo e Nome.

No Seminário 4, *A relação de objeto*, Lacan (1956-57/1995) retoma a questão freudiana por excelência: o que é um pai?. Diz que fazer essa pergunta é diferente de ser um pai, ou de aceder à posição paterna, e que, se para o homem o acesso a essa posição é uma busca, “ninguém jamais o foi por completo” (*ibidem*, p. 209). Ele afirma que o pai simbólico é o nome do pai, o qual faz a mediação e estrutura o mundo simbólico do sujeito, pois “é essencial a toda articulação de linguagem humana [...]” (*ibidem* p. 374).

Já no Seminário 5, *As formações do inconsciente*, Lacan (1957-58/1999) se dedica a examinar o complexo de Édipo e de castração. Ele defende a ideia de que a carência paterna não diz respeito à ausência ou presença da pessoa do pai. Postula que não sabemos em que o pai é carente e distingue a carência do pai

2 Divide-se o percurso teórico de Lacan em duas clínicas, com suas formulações e orientações diferentes, que não se anulam, mas que mantêm entre si uma relação complexa. A primeira clínica de Lacan (1953-1970) é a clínica do retorno a Freud; a clínica edipiana; da primazia do simbólico sobre o imaginário e o real; do inconsciente estruturado como linguagem; do significante; do Outro; das estruturas clínicas (neurose, psicose e perversão) centradas em torno do pai. E a segunda clínica de Lacan (a partir da década de 70) é a clínica dos nós borromeanos; além do Édipo; do parlêtre; do gozo; do Outro que não existe; do impossível de decifrar no sintoma, do encontro com o real.

na família da sua carência no complexo de Édipo. Ao perguntar o que é um pai, ele enuncia que o pai simbólico é uma metáfora, é uma função, pois “na família ele é tudo o que quiser [...] ele o é ou não é [...]” (ibidem, p.180) e o que interessa é o pai no complexo.

Para a psicanálise de orientação lacaniana, portanto, o pai é uma função simbólica da Lei, da linguagem, que realiza a separação na relação entre a mãe e a criança. Segundo Lacan, a função do pai no complexo de Édipo é ser um significante que vem no lugar do significante materno. É essa função que vai instaurar a dimensão da falta, do significante fálico. O pai surge a partir do discurso da mãe para a criança; então, ele é fabricado, criado em várias versões, aparece com vários nomes no discurso da mãe. Em outras palavras, o pai é aquilo que no discurso da mãe representa a Lei.

Dessa forma, a função do pai pode ser compreendida tanto como o papel do pai como o lugar que ele ocupa para a mãe e para a criança. Dito de outra forma, ele assume uma função metafórica, similar à função da linguagem, do significante como Lei, sendo essa a Lei do desejo. Lacan (1957-58/1999) sustenta que a função do pai consiste em unir o desejo à Lei. Ele define o Nome-do-Pai como uma função que deve ser ocupada, não interessa quem. Laurent (2007, p.77) aponta que “o acesso escolhido por Lacan para a questão do pai foi o “um a um” dos que se tornaram pais. Para definir um pai, Lacan fala da pai-versão³, ou seja, de versões do pai, uma a uma”. Então, só sabemos da função paterna a partir dos modelos realizados por ela, como nos indica o autor.

No Seminário 10, *A angústia*, Lacan (1962-63/2005a) postula a separação entre o complexo de Édipo e a castração, articulando o objeto a ao pai e tratando da relação do pai com o gozo. O objeto a aparece como aquilo que resta da função do Nome-do-Pai, que aqui não tem mais a função de interdição, mas de separação. Ele indica, assim, que é possível ir além da castração.

Na única aula do Seminário *Nomes-do-Pai*, Lacan (1963/2005b) ressalta que Freud coloca o mito do pai no centro

3 Em francês a expressão usada por Lacan é *père-version* (que faz homofonia com *perversion*: perversão). Preferimos guardar aqui a tradução de pai-versão (N. de T.).

da teoria. Retomando o mito do assassinato do pai primordial de *Totem e Tabu*, Lacan aponta a necessidade de se colocar no nível do pai a função do nome próprio, pois o nome é uma marca.

Alguns anos depois, em *De um Outro ao outro*, no Seminário 16, Lacan (1968-69/2008) propõe uma outra definição do pai, a partir do objeto a. Ele questiona a universalidade do pai e aponta que este é uma versão: a mãe sabemos quem é, o pai não. Diz ele: “a essência e a função do pai como Nome, como eixo do discurso, decorrem precisamente de que, afinal, nunca se pode saber quem é o pai” (*ibidem*, p.149). Lacan já apontava, nesse momento de seu ensino, o progresso da ciência com os exames de DNA, os quais tentam provar quem é o pai, mas em alguns casos é possível “saber quem não o é” (*ibidem*, p. 149) e o que persiste é a incógnita. Isso tem consequências na constituição da subjetividade dos indivíduos.

No Seminário 17, *O avesso da psicanálise*, Lacan (1969-70/1992) retoma os mitos freudianos de Édipo e de *Totem e Tabu*, concebendo-os como mitos que tentam dar conta da perda de gozo. Postula que o S1, o significante mestre, vem para sustentar a função do Nome-do-Pai. Porém, o pai não é o mestre, pois está no lugar de escravo na família: ele trabalha para a família, e o mestre não quer saber de nada. O S1 denuncia que o Nome-do-Pai não passa de mais um significante dentre muitos outros, daí a pluralização dos Nomes-do-Pai proposta por Lacan. Como o S1 tem caráter de semblante, logo, o Nome-do-Pai também é um semblante.

Lacan reformula seu ensino apontando que “o pai edipiano não é o agente da castração; ele é o véu que faz acreditar no gozo interdito” (Solano-Suárez, 2006, p. 26) e esse é o mito do neurótico desde Freud. De acordo com Laurent (2007, p. 78), Lacan “distancia o pai definido como o pai de família, para referi-lo a um mito individual do neurótico”.

Destacamos aqui a definição de pai do final do ensino de Lacan, quando ele o situa na família a partir do amor e do gozo:

um pai só tem direito ao respeito, quando não ao amor, se

o dito amor, o dito respeito, for [...] *pai-versamente*⁴ orientado, isto é, fizer de uma mulher o objeto a que causa seu desejo. [...] Mas o que uma mulher *a*-colhe disso nada tem a ver com a questão. Ela se ocupa de outros objetos *a*, seus filhos, junto de quem, portanto, o pai intervém — excepcionalmente no bom caso [...] (Lacan, 1974-75, p. 107-108)

Laurent (2007, p. 78) destaca que “ser pai, portanto, é tido a perversão particular de se ligar aos objetos *a* de uma mulher” e que isso ocorre sobretudo em famílias recompostas, pois a mulher pode ser aquela com quem o pai teve os filhos ou não. Diz ainda que “o pai faz uso da boa maneira para separar a criança da mãe” (*ibidem*, p. 78). É o pai que vai fazer a escolha; trata-se de uma decisão, e não de uma vontade, como indicou Lacan. O pai aqui é um homem que ama uma mulher. É, então, o amor como uma forma de aliança entre o desejo de um homem ou de uma mulher e uma criança. Esse pai não mais será articulado ao simbólico, mas ao real e ao gozo.

Já no Seminário 23, *O Sinthoma*, Lacan (1975-76/2007) resalta que, para Freud, só se mantém a hipótese do inconsciente “na suposição do Nome-do-Pai. É certo que supor o Nome-do-Pai é Deus” (*ibidem*, p. 131-132). Segundo Lacan, a psicanálise comprova que podemos prescindir do Nome-do-Pai, com a condição de nos servirmos dele. Afirma, ainda, que não há Outro do Outro, mesmo que haja a necessidade humana de acreditar que há. É nesse Seminário que ele destaca o nó como suporte do sujeito e propõe que há um quarto elemento, o *sinthoma*. O Nome-do-Pai vai exercer a função de *sinthoma* se o nó não segurar como suporte do sujeito. Dito de outro modo, podemos nos servir do Nome-do-Pai colocando de lado a crença nele. Com a pluralização, Lacan retira o Nome-do-Pai do lugar da Lei, da interdição do gozo, e passa a referi-lo ao significante, elevando-o à condição de uma função.

No escrito “Os complexos familiares na formação do indivíduo”, Lacan (1938/2003a) já havia apontado certas modificações

4 Em francês a expressão usada por Lacan é *père-versement* (que faz homofonia com *perversement*: perversamente). Preferimos guardar aqui a tradução de *pai-versamente* (N. de T.).

na subjetividade de seu tempo. O progresso social, a dialética da família conjugal e as exigências matrimoniais foram postuladas por ele como efeitos do discurso da ciência e da mudança na relação entre os sexos. A consequência disso é “o declínio social da imago paterna” (*ibidem*, p. 66-67) e “esse declínio constitui uma crise psicológica” (*ibidem*, p. 67). Nessa época, para ele, a carência do pai era o determinante da neurose. E nesse texto, ele já considerava decadente a forma da família. Foi a partir do termo “declínio da imago paterna”, o qual acentua a carência do pai na nossa cultura e nas formas atuais de família, que Lacan formula o conceito de Nome-do-Pai, fazendo do pai uma função e lhe dando um valor de utensílio.

O Nome-do-Pai, na atualidade, é “o politicamente correto, o consenso, a *evidenceproof* de tudo que significa a única justificativa do direito de existir” (Brousse, 2009, p. 10). A ordem social, hoje, não é mais fundada sobre a função do pai que nomeia. Nela, não é mais o desejo que lhe corresponde, e sim o gozo.

Discute-se muito sobre o declínio da função paterna e, com o avanço científico articulado ao capitalismo, podemos dizer que há o predomínio do mais-de-gozar sobre o Nome-do-Pai. Já não é mais o interdito que prevalece, mas o objeto *a* que predomina. Na família dita moderna, o pai é aquele que trabalha, que precisa ganhar a vida, mas não significa que ele seja o chefe da família. Assim, ele não ocupa o lugar de mestre, de S1; ele é, na verdade, o escravo, como já havia indicado Lacan (1969-1970/1992).

Miller, em colaboração com Laurent (1997-97/2006), indica que estamos vivendo em uma época na qual o Outro não existe, pois é só um semblante. Lacan (1972-73/1985), no Seminário *Mais, ainda*, já havia postulado a inexistência do Outro ao dizer que o gozo pode funcionar sem um corpo. Miller e Laurent questionam como nos orientamos no mundo na época do declínio generalizado do Nome-do-Pai, quando o Outro universal é inexistente; não há Outro absoluto correlato do Nome-do-Pai. Assim, o Outro não é só incompleto, furado, mas também inconsistente. Isso não indica seu fim, mas a existência de outro Outro na so-

cidade contemporânea. Dito de outra maneira, na época atual, há um predomínio do real do gozo sobre o ideal. Desse modo, o Nome-do-Pai entra em declínio e vemos a “ascensão do objeto a ao zênite social”, como nos diz Lacan (1970/2003d, p. 411). A mudança a qual assistimos em relação á função do Nome-do-Pai leva a uma transformação do Outro social. Assim, de acordo com esses dois autores, agora, “não podemos recorrer ao amor do pai para nos orientar” (Miller; Laurent, 1996-97/2006, p. 98).

Nesse mesmo seminário, Laurent faz uma leitura crítica dos chamados comitês de ética generalizados e aponta que eles representam a subjetividade de nosso tempo e são uma tentativa de restaurar a consistência do Outro. Esses comitês de ética se inscrevem em um contexto no qual coexistem religião, ciência e política. O mestre atual, por exemplo, faz da saúde uma política, como nos indica o autor. Segundo os autores, “a civilização é um sistema de distribuição do gozo a partir de semblantes” (*ibidem*, p. 17). Observamos, portanto, que os sujeitos contemporâneos estão imersos em semblantes produzidos pelo discurso da ciência, e isso produz angústia. Hoje, vivemos no mundo de impasses e não mais do mal-estar.

O que ocupa o lugar desse Outro inexistente são os quatro discursos propostos por Lacan: discurso do mestre, discurso da histérica, discurso analítico e discurso universitário. São eles que fazem laço entre os seres falantes. Por isso, devemos examinar a vida da comunidade, suas formas de gozo, e pensar os sintomas modernos que não mais se dirigem ao Outro. Para compreendê-los, a psicanálise deve ampliar a noção de sintoma na sua relação com o Outro.

No que concerne ao discurso do mestre, o S1 organiza o discurso e determina o modo de gozo dominante. Esse discurso modifica o laço social, o mundo e as vias do simbólico. Nos últimos anos, acompanhou-se a evolução das modalidades dominantes do laço social. Quando se menciona os seres falantes – *parlêtres* –, a linguagem funciona como organizadora do laço social, o que possibilita ou não o encontro sexual, que é um encontro de fala. Como consequência, os sintomas também se modificam.

Do Sintoma aos Novos Sintomas

A noção de sintoma na psicanálise demonstra que este não é um sinal de patologia, pois mostra a verdade do sujeito do inconsciente; por isso se fala na psicanálise de sintoma do sujeito. A forma como o sintoma manifesta o que não vai bem para o sujeito depende da solução singular que este adota para dar conta de seu fantasma. Assim, “o sintoma é uma via, não para o sujeito se inscrever na ordem do mundo, mas antes para participar, do seu lugar, da desordem do mundo” (Klotz, 2009, p. 16).

Para a psicanálise, o sintoma tem uma função e representa o que o sujeito tem de mais singular e real, ou seja, contém uma verdade sobre ele. De acordo com Solano-Suárez (2006, p.12), “o sintoma particulariza o sujeito na medida em que o sintoma, como diz Lacan, é aquilo que faz de cada um de nós um signo diferente da relação que temos, com o falasser, com o real. Por isso, só há sintoma do particular”. A autora coloca, ainda, que fazemos usos do pai para tratar o sintoma, pois é no tratamento do “gozo do sintoma sobre um fundo de impossível que se encontra ativamente articulado o que chamamos de usos do pai no tratamento do sintoma” (*ibidem*, p. 15).

Lacan, no final de seu ensino, faz uma relação entre o sintoma e o pai (parceiro-sintoma) e propõe que o sujeito deve acreditar no sintoma, reduzindo o pai a ele. Isso nos permite entender o que é ir mais-além do pai com a condição de servir-se dele, como indica Lacan (1975-76/2007). Dito de outro modo, o pai é uma versão *sinthoma*.

Fala-se, na psicanálise, em se servir dos semblantes do pai, e isso tem a ver com a formação de sintomas do sujeito. A função do Nome-do-Pai traz uma determinação sintomática, pois existem efeitos de resto na operação da castração, do Édipo, isto é, ficam marcas no sujeito. Então, o pai deixa

versões na criança e, por isso, pode-se falar em sintoma e fantasma. Uma questão posta é saber como a função organizadora do Nome-do-Pai pode operar nessa nova relação com os sintomas, que parecem cada vez mais frágeis, quanto ao modo de os sujeitos fazerem laço social.

Na psicanálise, há o sintoma da clínica na época de Freud, o da primeira clínica de Lacan (aquele que pode ser decifrado e tem um sentido) e o *sinthoma*, que Lacan postulou no final de seu ensino (como algo irreduzível, que resta, no qual prevalece o gozo). Em Lacan, primeiramente, a interpretação do sintoma visava à verdade; depois, é o efeito de real que vai interessar à clínica. Portanto, é a união de ambos que “institui uma proliferação quase epidêmica das chamadas novas formas de sintoma (...), patologias que se caracterizam por uma marcada recusa ao inconsciente” (ZACH, 2010, s/p).

Lebrun (1997) aponta que falamos de novos sintomas na cultura, mas só são representações contemporâneas do que sempre esteve presente na coluna vertebral do adoecimento psíquico: evitar ter que assumir as consequências do fato de falar – o que a psicanálise chama de se defender da castração. Dito de outra maneira, eles se apresentam como as dificuldades dos sujeitos face à oferta ilimitada de gozo na atualidade.

A psicanálise possibilita evidenciar a desordem contemporânea relacionando-a aos discursos dominantes no mundo de nosso tempo – o discurso da ciência e o capitalismo – para explicar, por um lado, a relação entre os sujeitos e, por outro, a relação entre eles e as mercadorias. A junção desses dois discursos leva os sujeitos a responderem de formas inéditas, com sintomas que são próprios de nossa época, tais como: depressão, toxicomania e transtornos alimentares. Eles funcionam como maneiras de o sujeito dizer não aos imperativos impostos pela cultura.

Dessa maneira, a psicanálise, ao mesmo tempo em que

denuncia os impasses crescentes da civilização, ajuda-nos a compreender o aumento de demanda das intervenções em casos clínicos que apresentam esses sintomas. Eles são chamados de “novos sintomas” porque são uma forma particular da atualidade de não implicarem o sujeito no seu mal-estar. Ao falarmos em novos sintomas, porém, devemos considerar que a clínica está em constante mudança e inserida numa cultura que também se transforma a todo instante.

Considerações Finais

O laço social que existe hoje é marcado por mudanças no discurso do mestre, o qual é representado pela globalização, que nada mais é do que a união do discurso da ciência com o capitalismo. A conseqüência do progresso do discurso científico nos conduziu a um declínio do Nome-do-Pai. A cultura contemporânea não é mais orientada pela alteridade do pai ou pela intervenção simbólica. O pai da autoridade, da tradição e da lei já não predomina.

O mundo globalizado mostra a queda dos ideais e da autoridade. Na atualidade, o imperativo pulsional do supereu lacaniano – Goza! –, que é o supereu da nossa civilização “faz crer que em qualquer parte do mundo se pode gozar das mesmas coisas, todos por igual” (Naparstek, 2005, p. 43), o que anuncia um apagamento de todas as diferenças entre os sujeitos. Há, assim, uma tentativa de homogeneização dos sujeitos. A civilização passa a ser orientada pela promoção do objeto a, com a elevação dele ao zênite social, como indicou Lacan (1970/2003d). Outro ponto destacado é que a globalização leva à individualização, o laço social se modifica e os sujeitos são determinados como objetos.

O mundo, hoje, parece um *no men's land*, onde há uma crença de que tudo é possível ou nada é impossível, como

nos aponta Lebrun (1997). O que temos na atualidade é um simbólico virtual que deixa cada vez mais lugar para o funcionamento da pulsão de morte, do gozo mortífero. Há uma grande “confusão entre renunciar ao seu desejo e renunciar ao gozo do objeto primordial do desejo” (*ibidem*, p. 144). É a segunda possibilidade, renunciar ao gozo, que abre a porta para o desejo. O problema é saber como o sujeito pode acessar ao seu desejo e viver sem confronto e sem sofrimento com as promessas de satisfação total impostas pela atual conjuntura.

Neste artigo, buscamos relacionar as configurações atuais de família à noção de declínio da função paterna, ou seja, o declínio da função simbólica do pai com o que é chamado de novos sintomas. Como consequência, os sujeitos contemporâneos, muitas vezes, não se interessam em saber o que o seu sintoma quer dizer, nem mesmo se interrogam; buscam somente um alívio rápido e imediato, com excesso de medicação ou de novos *gadgets*⁵. Observamos, assim, que a ciência e as novas tecnologias produziram muitos avanços, através dos quais se multiplicaram os objetos que funcionam como *gadgets* na nossa cultura. Vivemos em um mundo que nos empurra a uma satisfação de consumo sem limites imposta pelo discurso capitalista. Na época atual, que é a época do Outro que não existe, falamos que há uma primazia do gozo, do mais-de-gozar, sobre a função do Nome-do-Pai, e essa é a neurose contemporânea da atualidade. O declínio da função paterna é refletido nas relações entre os sujeitos inseridos na nossa cultura, levando aos mais diversos efeitos sociais.

A ética da psicanálise lacaniana não gira em torno da questão de famílias constituídas por casais heterossexuais,

5 *Gadgets*: “é uma palavra de origem inglesa que o dicionário *Robert Quotidian* define como: dispositivo, objeto divertido, novo e às vezes carente de utilidade”. (Fonte: Solimano, M. L. (2008) *Gadget*. In: *Scilicet*: os objetos a na experiência analítica. A.M.P. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria).

homossexuais, monoparentais e outros, pois ela não visa a segregação. O chamado último ensino de Lacan aponta a questão do parceiro-sintoma, ou seja, em cada caso, o que interessa é a questão do parceiro em função do sintoma próprio do sujeito. Uma importante contribuição da psicanálise à cultura nos dias atuais é que é possível prescindir do pai, mas só na condição de servir-se dele, ou seja, na condição de não perder de vista que o pai é um semblante, é apenas um dos nomes que inventamos para darmos conta do furo do real.

Existe uma discussão acerca do declínio da função paterna, da crise de autoridade, das conseqüências das diferentes formas de parentalidade e das novas formações de família. Então, podemos formular a hipótese de que falar do declínio da função paterna na vida social é uma maneira de falar de todas as mudanças às quais assistimos na cultura contemporânea. Propomos pensar que essas reconfigurações de laços familiares não produzirão necessariamente novos tipos clínicos. A questão que nos é posta é saber como cada sujeito vai fazer seu laço social e fabricar sua montagem subjetiva nesse novo contexto. Dito de outro modo, como cada um vai inventar o seu Outro?

Referências

- Bassols, M. (2006). Les usages du père dans son déclin [Número Spécial] . *Lettre Mensuelle*, 250, 22-24.
- Brousse, M.-H. (2009). A psicose ordinária à luz da teoria lacaniana do discurso. *Latusa Digital*, 6(38), p. 1-16. Recuperado de http://www.latusa.com.br/digital_edit38.htm
- Freud, S. (1974a). *Totem e tabu* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 13). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1913 [1912-13]).
- Freud, S. (1974b). *O mal-estar na civilização* (Edição Standard

- Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1930 [1929]).
- Klotz, J.-P. (2009). Psicose ordinária e sintomas modernos. *Latusa: Sintoma e Semblantes na Vida e na Análise*, 14, 9-22.
- Lacan, J. (1975). Le séminaire: Livre 22: RSI. *Ornicar*, 3, 107-108.
- Lacan, J. (1985). *O seminário: Livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1972-73).
- Lacan, J. (1992). *O seminário: Livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1969-70).
- Lacan, J. (1995). *O seminário: Livro 4: A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1956-57).
- Lacan, J. (1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 537-590). Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1955-56).
- Lacan, J. (1999). O seminário: Livro 5: *As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1957-58).
- Lacan, J. (2003a). Os complexos familiares na formação do indivíduo. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 29-90). Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1938).
- Lacan, J. (2003b). Notas sobre a criança. In J. Lacan, *Outros escritos* (pp. 369-370). Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1968).
- Lacan, J. (2003c). Televisão. In J. Lacan, *Outros escritos* (pp. 508-543). Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1973).
- Lacan, J. (2003d). Radiofonia. In J. Lacan, *Outros escritos* (pp. 400-447). Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1970).
- Lacan, J. (2005a). *O seminário: Livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1962-63).
- Lacan, J. (2005b). Introdução aos Nomes-do-pai. In J. Lacan. *Nomes-do-pai* (pp. 55-87). Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1963).

- Lacan, J. (2007). *O Seminário: Livro 23: O sintoma*. Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1975-76).
- Lacan, J. (2008). *O Seminário: Livro 16: De um outro ao outro*. Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1968-69).
- Laurent, É. (2007). Um novo amor pelo pai. In É. Laurent, *A sociedade do sintoma: A psicanálise, hoje* (pp. 71-82.) Rio de Janeiro: Contra Capa. (Originalmente publicado em 2003).
- Lebrun, J.-P. (1997). *Un monde sans limite: Essai pour une clinique psychanalytique du social* (Point Hors Ligne). Toulouse, France: Erès.
- Miller, D. (2006). À chaque un sa formule [Número Spécial]. *Lettre Mensuelle*, 250, pp. 24-26.
- Miller, J.-A. (2005). Lecture critique des "complexes familiaux" de Jacques Lacan. In *La Cause Freudienne: Les nouvelles utopies de la famille* (Num. 60, pp. 33-51). Paris: Navarin.
- Miller, J.-A. (2006). Affaires de la famille dans l'inconscient [Número Spécial]. *Lettre Mensuelle*, 250, 8-11.
- Miller, J.-A., & Laurent, É. (2006). *El Otro que no existe y sus comités de ética*. Buenos Aires: Paidós.
- Naparstek, F. (2005). Do pai universal ao pai singular. *Curinga: Novos sintomas: Angústia de sempre*, (21), 41-53.
- Reymundo, O. (2008). Consumir família. *Correio: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, 60, 68-71.
- Solano-Suárez, E. (2006). A formalização do Édipo freudiano: Do nome uno aos nomes múltiplos. *Arquivos de Biblioteca EBP-RJ*, (4), 11-37.
- Zack, O. (2010). *O sintoma na clínica do delírio generalizado*. Entrevista no Boletim eletrônico do XVIII Encontro da EBP: O sintoma na clínica do delírio generalizado. Recuperado <http://www.ebp.org.br/encontro2010/boletim/boletim5.htm>.

Recebido em 10 de fevereiro de 2011

Aceito em 15 de agosto de 2011

Revisado em 16 de Janeiro de 2012